

Ética e Estética das Manifestações Pró-Impeachment



Baixar artigo

Ronaldo Lopes Coelho

ronaldo.coelho@usp.br

Psicólogo, psicanalista e analista institucional. Graduado em Psicologia e Mestre em Psicologia Institucional pelo Instituto de Psicologia da USP. Foi professor de "Psicologia Médica" do curso de Medicina e preceptor da Residência Multiprofissional em saúde da UNIFESP. Seus trabalhos tomam por base a Análise Institucional do Discurso como aporte metodológico conceitual, partindo de uma concepção de subjetividade forjada por (e em meio a) relações sociais e práticas institucionais. Atualmente trabalha em consultório particular com atendimento clínico, supervisão e orientação de grupos de estudos.

As manifestações em favor do impeachment da presidenta Dilma Rousseff que ocorreram nos anos de 2015 e 2016 traziam o discurso da ética na política e o combate à corrupção como mote para a reivindicação. No presente texto, abordaremos o tema da ética, da estética e da moral para apresentar uma análise do movimento político atual pela ideia de estética da existência.

Ética, estética e prática de si

A palavra ética tem um sentido que vai além da ideia de honestidade, como comumente é empregada. Acompanhados dos ensinamentos de Michel Foucault (1984), façamos uma breve viagem para Grécia Antiga do período Socrático. Os gregos dessa época não entendiam o homem como um indivíduo, da forma que é concebido hoje em dia. O homem antigo era, antes de tudo, um cidadão da pólis (cidade). A palavra ético vem de *ethos*, que significa o ser em si. Cabe um adendo etimológico: no grego há a diferença entre *éthos* (costume, uso, maneira de proceder, portanto, exterior) e *êthos* (morada habitual, toca, maneira de ser, portanto, interior). Como aqui não faremos diferenciação entre o que se é e aquilo que se mostra ser, ficaremos com a palavra *ethos*, que prescinde da ideia de diferenciação do eu em interior e exterior. Ético, para os gregos, então, seria aquele cidadão que poderia ser seguido em sua conduta justamente por ser quem ele é, e se todos os outros cidadãos fossem como ele a pólis certamente seria um lugar melhor para se viver. Essa é a ideia central da ética. Nesse sentido, a ética não pode ser tomada pela moral, definida como um sistema de regras e leis sociais introjetadas de modo que passam a ser o crivo de julgamento pessoal a respeito do mundo. Uma conduta ética, ao contrário, pode ser duramente atacada pela moral, e isso vemos acontecer com frequência. Um exemplo de fácil acesso pode ser encontrado na prática de certa moral cristã favorecer a perseguição de não cristãos, de homossexuais e outras pessoas que “não são de Deus”. Tal perseguição levaria à construção de um ambiente inóspito a se viver, caso todos os cidadãos resolvessem assim agir. O que vai em caminho contrário à ideia de ética aqui apresentada.

O exercício da ética, diferentemente da moral, implica numa constante disputa de poder consigo mesmo em nome de uma prática de si. Cada um de nós está em constante construção de si. Neste caminho, a ética é a morada do imprevisto. Certo e errado não estão pré-estabelecidos. São, antes, definidos por uma análise de contexto. Uma análise que irá informar se tal ação se mostra digna, se é realizada apenas em benefício próprio, ou se é a melhor que se poderia ter para o momento. Como está em constante construção, a existência é, então, tomada por sua dimensão estética. Estética diz respeito à beleza, e estética da existência é a beleza que não é do corpo, mas sim da alma, dos valores subjetivos, da maneira de se conduzir na vida. Para os gregos, a estética do corpo não estava desvinculada da estética da existência: uma pessoa só poderia ser considerada bela se seu modo de ser pudesse ser considerado belo, e só o poderia ser se fizesse o bem para a pólis. Desse modo, os éticos são aqueles que possuem uma beleza existencial que pode ser apreciada, tomada como referência, exemplo, e seguida por todos os outros. Não à toa a palavra ética está contida dentro da palavra estética.

Organizada desse modo, tais concepções à cerca da existência levava os gregos a viverem a vida e se construírem no mundo como se fossem uma obra de arte em constante construção, cabendo a cada um a responsabilidade e a “arte” nessa construção de si.

Trata-se da construção que supõe a relação de poder consigo mesmo, não necessariamente seguindo padrões previamente determinados, mas sim uma constante análise do contexto no qual cada um se encontra para poder tomar uma decisão que esteja afinada com objetivos que se quer. Uma tomada de decisão que considere o desejo, mas que não se curve a ele como um servo submisso, e sim o tome a partir de uma complexa análise da situação presente em sua articulação com os valores que construiu durante sua vida e expectativas que tem diante do futuro. Implica, antes de tudo, pensar em: “que sujeito eu quero ser?”, “como eu gostaria que as pessoas me reconhecessem no futuro?”, “eu sentirei orgulho de mim agindo desse modo?”, “estarei em paz comigo mesmo?”, “essa decisão está de acordo com isso que quero ser e com o modo como quero ser reconhecido na sociedade?”. Trata-se de perguntas nada simples de serem respondidas e que encontram-se condensadas no famoso aforismo grego “conhece-te a ti mesmo!”.

Todos somos mutáveis em nossa condição de sujeitos. Hoje somos regidos por um conjunto de regras e valores, mas no momento seguinte podemos mudar nossas crenças e nos reconstruir diferente do que éramos antes. Ao contrário do que se possa imaginar, não há mal na mutabilidade do ser. O que seria considerado ruim é a falha ou a ausência do processo de exercício de poder consigo mesmo, o não exercício da ética. Os gregos consideravam viril aquele que conseguia agir na contramão do exercício impulsivo dos desejos. O ético deveria ser viril e, desse modo, ter o domínio sobre suas paixões (pathos). O grau de virilidade, um tipo de poder associado à sexualidade e à masculinidade, era medida a partir do domínio sobre as próprias paixões; era a característica que representava o quão forte, confiável e ético um homem pode ser. No período do qual estamos tratando, somente os homens eram considerados cidadãos, e somente os homens livres (não escravos) poderiam governar a pólis. Os gregos viviam o que muitos chamam de “democracia direta”, onde todos os cidadãos tinham o poder de se pronunciarem em relação ao que pensavam ser as melhores políticas para a pólis. Os cidadãos considerados éticos, contudo, eram os que tinham maior poder na pólis, os mais influentes, o que diziam era tomado de uma forma diferente daqueles que não eram considerados éticos.

A prática de si como estética da existência, condução ética e virilidade diante das próprias paixões, não está desvinculada da ideia de liberdade. Para os gregos, ser livre era ter o poder de governar a si mesmo, de conseguir controlar as próprias vontades. Somente um homem que tivesse pleno domínio sobre suas paixões teria condições de governar a pólis. Pois, assim, poderia governar tendo em vista o melhor a todos os cidadãos, e não para favorecer o exercício de suas vontades. O homem que não tinha pleno domínio sobre suas paixões não era considerado homem livre, e sim um homem aprisionado ao que há de mais primitivo no humano. O exercício pleno das vontades era “mal visto”, a pessoa passava a ser menosprezada e tida como um prisioneiro de si, um escravo dos próprios desejos. O exercício pleno da ética é a prática de liberdade (FOUCAULT, 2004).

Poder político, virilidade, e beleza caminhavam de mãos dadas na Grécia antiga. Todas essas características estavam pautadas na ética, na relação de poder consigo mesmo, ao mesmo tempo em que eram essas três características, quando bem desenvolvidas, que definiam um cidadão como ético, que poderia ser seguido pelo que é, e ser considerado verdadeiramente livre.

Autoridade moral na política

O Professor Pablo Ortellado, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, compreende que o Brasil vive hoje uma “guerra cultural” por meio de uma moralização do debate político, tal qual os Estados Unidos viveram no final da década de 1980 (ORTELLADO, 2014). Em suas palavras:

Costuma-se atribuir a James Hunter a precisa identificação do fenômeno e a difusão do termo “guerras culturais” para se referir ao processo pelo qual temas como o direito dos homossexuais, a legalização do aborto, o controle de armas e a legalização das drogas passaram a ganhar proeminência no debate político americano no final dos anos 1980, opondo “conservadores” a “progressistas”. Para ele, essa nova polarização dividia o espectro político de outra maneira, opondo ortodoxos ou conservadores, de um lado, e progressistas, de outro. Os conservadores se definiriam por um “compromisso com uma autoridade moral externa definida e transcendente”, e os progressistas, por uma autoridade moral “caracterizada pelo espírito da era moderna, um espírito de racionalismo e subjetivismo”.

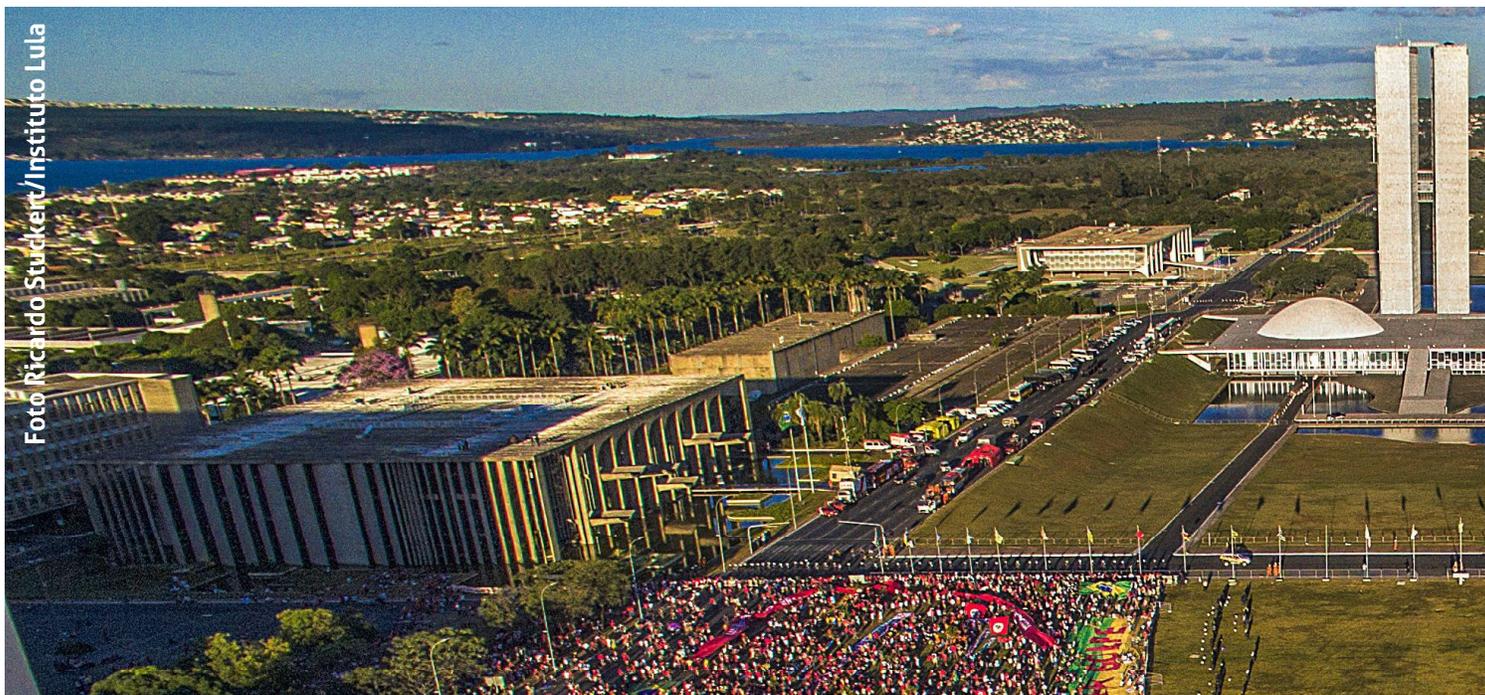
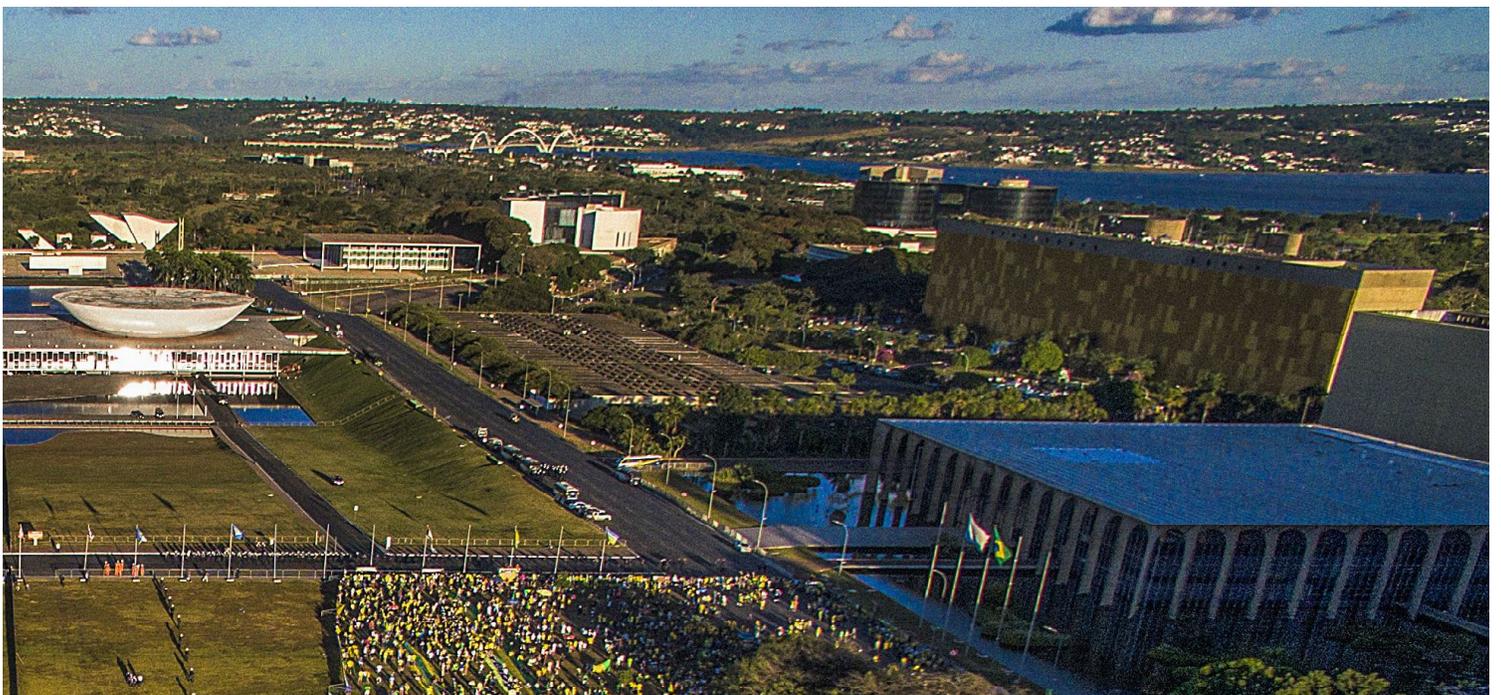


Foto Ricardo Stuckert/Instituto Lula

Num influente livro de 1996, o linguista George Lakoff concordou com Hunt que o novo antagonismo que se via nos Estados Unidos opunha visões de mundo baseadas em concepções da autoridade moral, mas definiu essa oposição de maneira um pouco diferente. Apoiado na teoria da centralidade das metáforas para a formação dos conceitos, ele notou que as guerras culturais se assentavam no confronto de duas metáforas familiares para a sociedade, isto é, os dois discursos olhavam para a sociedade como uma grande família: uma família com pai rigoroso e uma família com pai carinhoso – e, para cada visão da sociedade como família, esse pai metafórico imporá uma ordem moral. Assim, na perspectiva conservadora, teríamos uma ordem moral punitiva e disciplinar e, na progressista, uma ordem compreensiva. (p.01)

A partir desses pontos de vista, o professor assinala que as questões acerca das discussões políticas hoje no Brasil se dão em torno do que se deve fazer diante do “erro” das pessoas. Como, por exemplo, no caso do aborto, o feto não tem importância para nenhum dos lados na discussão. O que importa é se a política será punitiva com a mulher, que terá de criar um filho mesmo acreditando não ser sua hora de ser mãe, ou será compreensiva com ela. Quem defende o feto em razão de ser favorável à vida, comumente é a favor da pena de morte e de punições severas. Do mesmo modo, quem é contra a pena de morte tende a defender a desproibição do aborto e a morte do feto. Se pensarmos pela lógica da questão moral, ou mesmo na lógica das metáforas, a incoerência se desfaz, pois a discussão não se pauta no valor da vida. O que está em jogo é uma disputa por um Estado mais severo e punitivo, de um lado, e, de outro, um Estado compreensivo e que aposte na reabilitação, na capacidade de desenvolvimento humano dos cidadãos.



Desde o pós-guerra, o discurso liberal tinha assumido a forma de um discurso de moderação e bom senso ao qual só podiam aspirar aqueles que tomavam os fundamentos da sociedade atual como pressuposto e tratavam as questões sociais e econômicas como prosaicos problemas de administração. Após as guerras culturais, ele retomou um caráter de ódio e desprezo de classe que trata os trabalhadores como indolentes que merecem ser punidos com a pobreza pela falta de industriiosidade, capacidade de poupança e empreendedorismo. Pelos mesmos motivos, toda ação social do Estado é vista por esse discurso como complacência socialista com a incompetência e o comodismo. (ORTELLADO, 2014. p.01)

Ortellado finaliza seu texto dizendo caber àqueles que defendem os Direitos Humanos o dever de continuar fazendo a defesa dentro da guerra do discurso moral, porém jogando pelas próprias regras, e não as do ódio, da intolerância e do desprezo de classe, que são as regras adotadas pelos conservadores. Essas regras ainda não estão claras e nem bem orientadas para o grupo “da esquerda”, o que o leva a concluir que os “conservadores” saíram na frente da “guerra cultural” e que restaria aos “progressistas” o ônus do ajuste para que tenham mais chances de vitória.

Estética das manifestações

Com as concepções abordadas até aqui, recebi um convite através de uma das redes sociais da qual faço parte para um debate na Escola de Comunicações e Artes da USP sobre as manifestações que ocorreram recentemente. Infelizmente, não pude assistir ao debate nem presencialmente e nem pela transmissão on-line, mas, mesmo assim, o tema me despertou algumas reflexões. Adianto não saber se os debatedores foram na mesma direção. A chamada para o evento tinha a seguinte apresentação:

A dramaturga e roteirista Michelle Ferreira e o professor e pesquisador em Artes Cênicas Ferdinando Martins (ECA e TUSP) debatem como a adesão ao golpe por parte expressiva da classe média deve ser compreendida também por uma identidade de classe, pelo desejo estético de pertencimento a um ideal de elite, que opõe o “petralha maltrapilho” ao “cozinha arrumadinho”. (ECA PELA DEMOCRACIA, 2016. p.01)

O argumento de que o estereótipo do “cozinha arrumadinho” responde a um ideal de elite é de difícil contestação. É o homem branco de classe média que conseguiu tudo o que tem pela virtude do esforço próprio, sem precisar da ajuda do Estado, que venceu na vida por mérito único e exclusivo de sua própria pessoa (como se isso realmente fosse possível). Do outro lado, o “petralha maltrapilho” figura tudo aquilo que é condenável: é o pobre, favelado, sujo, negro, fedido, suado, que vive às custas do Bolsa Família, vagabundo, maconheiro, e por aí vai. A polarização produzida, sobretudo pelos meios de comunicação e as redes sociais, possibilitou a construção dessas duas figuras emblemáticas e estereotipadas.

Por mais que as pesquisas mostrassem (Artigo Datafolha, 2015) que o perfil do público dos dois grupos era bastante similar, salvo no que diz respeito à questão financeira, sendo “coxinhas” bem mais ricos, segundo declaração própria, o estereótipo pegou.

É sensível que esfera significativa da sociedade passou a se interessar por política e a participar da mesma por meio das redes sociais. Em nossa jovem democracia, tal parte da população se viu com voz e força para seu discurso pelo meio on-line das redes. O funcionamento das redes ocorre por meio de algoritmos que formam “bolhas políticas” (Artigo Estadão, 2016), onde o mesmo discurso circula em grupos que compartilham e “curtem” as mesmas coisas. O contato com o diferente é minimizado, quando não é impossibilitado, pelo funcionamento dos algoritmos. O resultado verificado é o estreitamento entre posicionar-se politicamente e pertencer a um grupo. Sempre posicionar-se politicamente é pertencer a um grupo, contudo, as redes on-line, ao eliminarem o diferente, maximizam a homogeneização de discursos e os diferentes passam a ser expulsos, bloqueados ou massacrados nesses grupos. Chegamos ao ponto em que pertencer a um grupo político é pertencer ao discurso produzido pelos seus membros. Do mesmo modo, simpatizar com determinado discurso levaria alguém a se associar, mesmo que de maneira involuntária, a um grupo político. A identidade política vai se moldando, para aqueles que “não se envolviam em política”, pelos seus interesses diante da vida, seus comportamentos e valores. Os grupos políticos vão se constituindo, assim, a partir da aspiração estética diante da vida.

Comparada à Grécia Antiga, o discurso sobre a estética que constitui a cultura ocidental supervaloriza a beleza material (do corpo, dos objetos, do que se tem) de forma apartada da imaterial (a existência em si, os valores, a história de cada um). Esta, muitas vezes, encontra-se subjulgada a lugar periférico. As pessoas são incentivadas a investirem caro em cirurgias, academias e suplementos alimentares, roupas e sapatos de marca, perfumes, tudo para se colocarem belas aos olhos dos outros. A compra do carro mais caro que se pode pagar e manter é naturalizado como conduta acertada, mas o mesmo não vale para o investimento que visa a transformação para se tornarem pessoas melhores no mundo. Quando o assunto é investir em cultura, conhecimento ou aprimoramento de si, é comum as pessoas julgarem os custos elevados demais, e apenas em situações de exceção os altos custos são tomados como sinônimo de status. O custo de uma cirurgia para colocar silicone nos seios é o equivalente a dois anos de psicoterapia, por exemplo. Contudo, ouvimos dizer com frequência que “psicoterapia é caro” e que cirurgia para enxerto de silicone “é possível, pois os médicos parcelam no cartão”. Diante das frustrações ou dificuldades amorosas, a análise quase nunca é pensada como primeira das opções para o aprimoramento de si, para se tornar uma pessoa mais interessante para si e para o mundo.

É comum, nesses casos, as pessoas irem às compras, “repaginar o visual”, começar a academia, fazer uma cirurgia, trocar de carro, enfim... Somente depois de muitas desilusões é possível que se comece a pensar em procurar um espaço onde uma reflexão orientada para uma análise do que se é seja levado em consideração. A própria idéia de virilidade hoje é muito distinta daquela que se tinha na Grécia Antiga. Hoje o ideal de homem viril ocidental, o poderoso, é aquele que consegue exercer em plenitude os seus desejos; que consegue apontar em uma festa a mulher que deseja e conquistá-la; o “bom de cama”; o milionário que compra a tudo e a todos; que não precisa ser cuidadoso com os sentimentos das pessoas, podendo prescindir do afeto delas. Uma concepção de virilidade completamente oposta à que vimos vigorar no período socrático.

Quando Ortellado afirma terem os “conservadores” saído na frente, acredito que não seja apenas por conta de terem alinhado bem o discurso moral que veiculam, mas, sobretudo, de alinhá-lo a uma estética da existência que vai ao encontro desses valores estéticos. Há uma guerra que tem se travado no campo da identidade estética, de tal modo que posicionar-se a favor do impeachment tornou-se, para muitos, uma questão de posicionar-se ao lado daqueles que compartilham dos mesmos valores diante da vida. Não à toa as “manifestações-de-domingo” mostravam, como nunca antes em outros tipos de manifestações, esses valores: uma moça faz um ensaio sensual em meio à manifestação (exaltação do corpo); senhoras com jóias, bijuterias finas, champanhe e roupas de grife (ostentação em sua forma mais clássica); casais com suas babás e seus bebês (o ideal da família burguesa moderna, onde a mensagem que podemos apreender é “tenho filhos e fico somente com a parte boa da relação com eles, você também pode, é só se esforçar”); as “selfies” registravam o momento para que pudesse ser compartilhado com todos nas redes sociais, mesmo nos grupos que não eram para falar de política, pois não se tratava de política. De fato, parecia mais uma congregação daqueles que partilhavam dos mesmos valores estéticos.

O conteúdo, as idéias, o que essas pessoas sabiam ou deixavam de saber sobre política, pouco importava. Vários canais de mídia alternativa mostraram o quão rasos eram os argumentos políticos quando os manifestantes de verde-e-amarelo davam entrevistas. Diziam estarem se manifestando contra a corrupção, contra o PT e a favor do impeachment. Tirando as ideias absurdas de bolivarianismo, ditadura comunista e perda da democracia, os argumentos que não eram completamente descolados da realidade não aprofundavam o porquê de quererem as mudanças reivindicadas. Não importava o que seria feito após a queda da presidenta, por exemplo. Ninguém sabia responder a essa questão, e ainda hoje, data da escritura deste artigo, também não sabem. Estão, hoje, como meros telespectadores do espetáculo. Investimentos milionários realizados em campanha para convocar as pessoas para as manifestações mostram o quanto era necessário parecer bonito. Vídeos dentro dos padrões publicitários foram produzidos por empresas de áudio visual para tanto (Vide o link: Seu Tube, 2016).



Foto Ricardo Stuckert/Instituto Lula

Nossa hipótese é de que foi montado, não necessariamente previamente desenhado, mas sim por meio de agenciamento dos acontecimentos, um ambiente onde o que importava era estar junto, lado a lado com meu semelhante. E juntos estavam defendendo esses valores que lá mostravam. Juntos estavam construindo e reforçando uma identidade de classe, se identificando com ela, e se opondo àquilo tudo que é diferente. Era a oportunidade de se reconhecer como classe média ascendente e de negar a possibilidade de ser reconhecido como pobre, maltrapilho, vagabundo, perdedor. O discurso da oposição à corrupção vem selar uma sensação de apaziguamento com os valores da moral cristã. Desse modo, os outros são corruptos. Os outros é que defendem a corrupção. E apenas os outros! Desse modo é justo serem massacrados. Numa lógica de reality show, como se estivessem no "Big Brother Brasil", os meios de comunicação em massa fazem acreditar que foram os cidadãos, os de verde-e-amarelo, que resolveram tirar a presidenta. É o momento máximo de consagração da superioridade arrogada desde o início.

Esteticamente falando, enquanto estão juntos se manifestando o sujeito ideal torna-se aquele com o qual todos podem se identificar e (por que não?) se reconhecer. Ele é politizado, viril, branco, ético, limpinho, cheiroso e bem arrumado, rico, mas trabalhador, empreendedor, conseguiu tudo o que tem com esforço próprio, por sua capacidade de poupança, possui escolaridade de nível superior, está do lado da polícia, da Lei, é justo e defensor de seu país. O ideal de beleza existencial a ser buscado. Mais do que uma adesão ao discurso político, podemos verificar uma adesão a certa estética da existência, a qual foi cooptada pelo discurso contra o Partido dos Trabalhadores, contra a corrupção e em favor do impeachment.

Utilizando o mote do Professor Pablo Ortellado reafirmo, de fato os "conservadores" saíram na frente. Resta aos "esquerdistas" travar a disputa também no campo da estética da existência. Nesse sentido, desconstruir os estereótipos criados será um passo fundamental para o início dessa batalha. Porém, travar a luta no campo da estética implica em disputar espaço no que diz respeito a valores e estilos de vida, concepções e formas de se viver. Sempre é tempo de se buscar a substituição do pensamento moral pelo pensamento ético, fazendo saber que neste segundo há o valor imensurável da liberdade. Quem age pelo pensamento moral não age com autonomia, e sim com heteronomia, onde o outro é quem determina o que é certo e errado, e não o sujeito em si, por uma análise de contexto. O pensamento ético é mais difícil de ser construído que o moral, pois este já vem pronto. Mas justamente por ser mais difícil, a ética cabe apenas aos que possuem mais virtudes. Aos outros, resta o triste destino de serem guiados.

REFERÊNCIAS

- CAPELAS, Bruno; MANS, Mateus. *Redes sociais formam "bolhas políticas"*. Estadão, São Paulo, 23 de março de 2016. Disponível em: <http://link.estadao.com.br/noticias/geral,redes-sociais-formam-bolhas-politicas,10000023302>. Acesso em: 12 de junho de 2016.
- ECA PELA DEMOCRACIA. *A estética do golpe: olhar da dramaturgia sobre a crise brasileira*. Descrição do evento. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/219157688463134/>. Acesso em: 13/06/2016.
- FERRAS, Lucas. *Majoria foi às ruas contra corrupção*. Datafolha, São Paulo, 17 de março de 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603885-maioria-foi-as-ruas-contr-a-corrupcao-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 12 de junho de 2016.
- FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____, Michel. *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- HUNTER, James. *Culture wars: the struggle to define America*. Nova York: Basic Books, 1991.
- LAKOFF, George. *Moral politics: what conservatives know that liberals don't*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- ORTELLADO, Pablo. *Guerras culturais no Brasil*. Diplomatie.org, São Paulo, 01 dezembro 2014. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1784>. Acesso em 12 de junho de 2016.
- VÍDEO SEU TUBE. *Convocação para manifestações*. 01 de março de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fsvh_98Fw88. Acesso em 12 de junho de 2016.